

O *HABITUS* BOURDIEUSIANO, A HIPERTROFIA DO MÉTODO E O RETORNO DO PESQUISADOR A SEU CONTEXTO DE PRÁTICA SOCIAL

Pedro Lincoln C. L. de Mattos¹

O lugar epistêmico do método - importância

Quando Thomas Kuhn, um físico, veio trabalhar com sociólogos e psicólogos no *Center for Advanced Studies in the Behavioral Sciences* (Stanford) para estudar a história da ciência, na segunda metade dos anos 1950, espantou-se com a intensidade das discussões centradas na questão metodológica. Kuhn observou este fato (2001 [1962], p. 12-13) e pouco adiante, para ressaltar que os rumos da ciência não dependem realmente do método, argumentou (p. 22):

Que aspectos da ciência revelar-se-ão proeminentes no desenrolar deste esforço [a recente historiografia da ciência]? Em primeiro lugar, [...] está a insuficiência das diretrizes metodológicas para ditarem, por si sós, uma única conclusão substantiva para várias espécies de questões científicas. Aquele que, tendo sido instruído para examinar fenômenos elétricos ou químicos, desconhece essas áreas, mas sabe **como proceder cientificamente**, pode atingir de modo legítimo qualquer uma dentre muitas conclusões **incompatíveis**. (Grifos meus)

Kuhn não falava por si, mas por uma tradição de historiadores da ciência, e afirmava que a diferença no avanço da ciência não estava nos procedimentos metodológicos. Ora, a celeuma que, manifestando esta e outras convicções, ele provocou no pensamento dominante na filosofia da ciência expressa a dimensão da importância de repensarmos o lugar epistêmico do método, com base em Bourdieu.

¹ Professor Titular da UFPE (aposentado)

Trago dois pontos e uma observação conclusiva à reflexão desta mesa temática.

A hipertrofia do método

Meu primeiro ponto é este: no nosso ofício acadêmico, **vivemos uma hipertrofia do método**. O que acontece? Posta a ideia da pesquisa, primeiro pensar-se no método: "como vou trabalhar? Quais serão minha estratégia e meus instrumentos metodológicos?" A liberdade com que Bourdieu tratou a questão metodológica pode ser um argumento legitimador de esforço crítico. Por que o método ocupa tanto das nossas atenções, ainda hoje, aqui na comunidade científica de Estudos Organizacionais? (E isso importa porque a instrumentalização do método pode ter muito a ver com a "industrialização" da pesquisa.) Seria um atavismo compensatório de nossa entrada póstuma na corte da ciência moderna, firmada por seu método já no Século XVIII?

Acho que sim, mas é preciso entender isso melhor. Nas ciências da natureza e tecnológicas, aí incluída a medicina contemporânea, não se discute método, aprende-se diretamente como trabalhar cientificamente. Algum estudante de pós-graduação daquelas áreas poderia até se espantar se um de nós lhe explicasse o que é o método empírico experimental. Ali o método "se dissolve" em uma cultura partilhada, é uma prática social que acontece em um ambiente fechado (só sai do laboratório para "colher" elementos amostrais). O laboratório - que a sociologia do conhecimento tem transformado em metáfora epistêmica (LATOUR; WOOLGAR, 1986) - é o ambiente; ali, no conhecimento das questões e tradições, tudo se passa, formam-se cuidadosamente os contextos de pesquisa. (Note-se o contraste com o nosso caso!) Especialmente, porém, ali se aprende a ser pesquisador curioso de algo completamente externo, misterioso e miticamente objetivado: a "natureza". O pesquisador de um lado, a natureza "muda", posta sob controle para observação, de outro. A experiência do objeto de pesquisa é ali inteiramente identificada, protocolada, medida, catalogada. E nós? Toda a nossa babel teórico-metodológica se dá em torno disso: assumimos a ideia de "pesquisa de natureza". Supomo-nos essencialmente opostos, alheios aos nossos semelhantes, quando - cabe no contexto desta fala lembrar - Bourdieu, aliás na linha de Wittgenstein, nos via como pesquisadores inevitavelmente associados aos pesquisados.

Assumidos pesquisadores de natureza precisamos de experiência controlável de nosso objeto de pesquisa, ele que é "incontrolável", ele que é, realmente, um meio social quase indivisível onde os fatos ocorrem e que muda no tempo e na circunstância. Que fazer, então? Quem ou o quê nos garantirá resultados - afirmações seguras e justificáveis - sobre a "natureza" observada - cientistas que, afinal, somos? O método! Como não?! O método! Desenvolvamos nós metodologia, amplo arsenal de estratégias e técnicas, abramos espaço para o método em nossos currículos, em nossos textos e nos modelos de avaliação deles! Espaço específico para o método em eventos. A própria propedêutica da pesquisa se estende muito além dos cursos e diplomas de pós-graduação. Mais que fiéis, tornamo-nos admiradores do método, vivemos a estética da metodologia cuja sofisticação tem o benefício da aceitação preliminar no produto que a expressa, embora sujeita à qualidade interna que revelará as regras socialmente aceitas para aquela estética. Aí está a hipertrofia do método.

Mas isso tem custos epistemológicos pesados. Aponto duplo custo. Primeiro, tem-se um custo de valor quando a metodologia, que se desenvolve como instrumento, tira força e credibilidade de sua lógica interna, se afasta da teoria e evolui para técnica (ou involui?); expande-se na cultura acadêmica como sistemas e modelos de operação, que são tecnologias - e, pelo próprio modo de vida moderna, somos cada vez mais fiéis amantes da tecnologia. Desestimula-se a reflexividade e a imaginação teórica - valor típico dos Estudos Organizacionais na grande área Administração.

Há outro custo epistemológico que pode ser expresso na pergunta: de onde tira, então, a metodologia sua criatividade? Criatividade é algo que não estaria na essência da metodologia de pesquisa. Aparece como a capacidade de conceber novas ferramentas, talvez buscando elementos das matemáticas ou da filosofia, e isso é para poucos. Os métodos se desenvolvem lentamente, cuidadosamente, justificadamente e precisam mostrar-se eficazes além de ter autoria de alta credibilidade.

***Habitus* - um saudável deslocamento epistemológico**

Face a uma concepção hipertrofiada do método, o segundo ponto a destacar nesta fala é, então, **o deslocamento epistemológico** operado pelo

conceito bourdieusiano de *habitus*, já caracterizado em profundidade pelo Prof. Márcio, que me precedeu. O deslocamento é do reino da lógica para o da ação humana real, que é social. O ponto é este: o *habitus* nos traz de volta ao plano não-mental, à dimensão histórica do pesquisador e do contexto em que se passa sua pesquisa. Note-se que, na pesquisa de natureza ("natureza achada no mundo"), o contato do investigador com o mundo real, ao definir seu objeto, não se perdia graças à observação. E quanto mais temeroso das chamadas "ciladas da subjetividade", mais o pesquisador se prendia ao rigor e à sistematicidade da observação empírica, aperfeiçoando instrumentos e linguagens para isso. Esta era a ideia bastante de método.

Agora, na pesquisa social, ela já não basta, porque, considerando-se ou não, ali se terá sempre um elemento "não-dado", porque se entra no **mundo do significado**, ou, melhor dizendo, das práticas simbolicamente mediadas - como tipicamente são as práticas sociais. Colocando a origem do método em plano subliminar, longamente internalizado e que se mantém como prática (*modus operandi*), Bourdieu se tornou capaz de gerar formas de falar melhor do simbólico.

O *habitus*, como "ambiente metodológico", pode ligar Bourdieu e quem trabalhar com sua estrutura teórico-metodológica a grandes tradições da pesquisa de relações humanas. Cabe insistir: o social é simbólico, como em profundidade nos mostrou o Interacionismo Simbólico, iniciado por George Mead e fonte de muitos líderes do pensamento do Século XX, como Habermas. O significado de uma ação humana, nos ensinou Max Weber, na esteira de Wilhelm Dilthey, muitas vezes só é acessível à compreensão empática de um semelhante - uma "revivência por meio de fantasia endopática", disse Weber (1983, p. 50). A etnografia - refiro-me à que conservou raízes na fenomenologia de Edmund Husserl, através de Alfred Schütz, Clifford Geertz e mesmo da entnometodologia (H. Garfinkel) - procurou, pela *epoché* (pronuncia-se "epoké"), certo equilíbrio entre observação e recriação de significados da ação social. Creio que, na esteira do *habitus*, os pesquisadores sociais aos poucos superariam a hibridez da chamada "pesquisa qualitativa", que se debate em dificuldades de criar alternativa metodológica ao paradigma empírico das ciências da natureza, sem deixar, porém, ela própria, a perspectiva de "pesquisa de natureza".

A afirmação do *habitus*, mais (e antes) que o método, abre um caminho: o **pesquisador**, resgatado de alienações correntes em relação a seu próprio *habitus*, não pode mais fugir à *polis*, ao espaço social que partilha; não pode esquecer onde está; não pode ignorar que é socialmente, não logicamente, ali moldado ele próprio. De outra forma estaria, com uma pesquisa concebida a partir do método, vivendo, além da hipertrofia deste, uma espécie de esquizofrenia metodológica.

Conclusão: remover um "obstáculo epistemológico"

A contribuição maior desta Mesa, parece-nos, vai na linha profilática de Bachelard: a remoção do obstáculo epistemológico que uma concepção instrumental e, entre nós hipertrofiada, de método pode trazer à pesquisa tipicamente social.

Como se sabe, a estrutura argumentativa de toda a obra antológica de Gaston Bachelard, *A Formação do Espírito Científico: Contribuição para uma psicanálise do conhecimento* (1938) - subtítulo é importante - parte do pressuposto de que na psicologia da descoberta, no interesse, na razão justificadora e na própria expressão, por vezes metafórica, do conhecimento-resultado - veja-se como a análise de Bachelard vai fundo! - cria-se e se consolida um obstáculo ao verdadeiro espírito de auto-renovação que trouxe a ciência até nós. Impõe-se à crítica epistemológica um trabalho constante de remoção de obstáculos ao saber científico.

Analogamente, quer-se aqui evocar o efeito desobstrutivo que a concepção metodológica de *habitus* pode representar à relação real, histórica e contextualizada, do pesquisador com seu campo social, fugindo ao conforto ilusivo do método que pode transporta-lo para o mundo satisfatório de sua comunidade acadêmica. Dizemos que, sem deixar de ser científica, sem fugir a limites institucionais que caracterizam o compromisso profissional acadêmico, aquela relação com seu campo passará a ser também política (de *polis*), porque produzirá sensibilidade e trará consigo responsabilidade.

Referências

O *HABITUS* BOURDIEUSIANO, A HIPERTROFIA DO MÉTODO E O RETORNO DO
PESQUISADOR A SEU CONTEXTO DE PRÁTICA SOCIAL

Pedro Lincoln C. L. de Mattos

BACHELARD, G. **A formação do Espírito Científico**: Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 [1938].

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001 [1962].

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **Laboratory Life**: The construction of scientific facts. 2. ed. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1986.

WEBER, M. **Fundamentos da Sociologia**. 2. ed. Porto (Portugal): Editora Rés, 1983.

Submetido em: 24/03/2017

Aprovado em: 20/04/2017